

RECREAÇÃO COMO TÉCNICA: A PRÁTICA DO RECREADOR COMO FORMA DE CONHECIMENTO À LUZ DE HEIDEGGER¹²

Recebido em: 10/11/2025

Aprovado em: 22/02/2026

Licença: 

*Cleber Mena Leão Junior*³

Universidade Cesumar (UNICESUMAR)

Maringá – PR – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8725-3542>

*Giuliano Gomes de Assis Pimentel*⁴

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maringá – PR – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1242-9296>

RESUMO: Este artigo revisa recreação à luz da filosofia de Heidegger, compreendendo a prática do recreador como produção de saber e não apenas como atividade funcional subordinada ao lazer. A pesquisa, qualitativa e de inspiração fenomenológico-hermenêutica, utilizou o Discurso do Sujeito Coletivo para interpretar narrativas de nove recreadores experientes, a partir de questões da categoria Ontologia. Os resultados indicam que a recreação é vivida como espaço de aprendizagem, autoconhecimento e transformação coletiva, configurando-se como técnica originária, *poiesis*, gesto de desvelamento equivalente à *episteme*. Conclui-se que reconhecer a intervenção recreativa como forma de conhecimento contribui para valorizar a práxis dos recreadores e consolidar a recreação no horizonte acadêmico como campo epistêmico autônomo.

PALAVRAS-CHAVE: Recreação. Técnica. Heidegger. Episteme. Intervenção.

RECREATION AS TECHNĒ: THE RECREATION LEADER'S PRACTICE AS A MODE OF KNOWLEDGE IN LIGHT OF HEIDEGGER

ABSTRACT: This article revisits recreation in light of Heidegger's philosophy, understanding the practice of the recreation leader as a mode of knowledge production rather than merely a functional activity subordinated to leisure. The study, qualitative and phenomenological-hermeneutic in orientation, employed the Collective Subject

¹ Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Artigo premiado no 32º Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), realizado em Curitiba/PR em 2025.

³ Doutor em Educação Física. Docente no Curso de Educação Física da Universidade Cesumar (UNICESUMAR).

⁴ Doutor em Educação Física. Docente associado no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenador do Grupo de Estudos do Lazer (GEL).

Discourse method to interpret narratives of nine experienced recreation leaders, focusing on questions from the Ontology category. The results indicate that recreation is lived as a space of learning, self-knowledge, and collective transformation, thus configured as an originary technique, *poiesis*, and a gesture of unveiling equivalent to *episteme*. It is concluded that recognizing recreational intervention as a form of knowledge contributes to valuing the praxis of recreation leaders and consolidating recreation within the academic horizon as an autonomous epistemic field.

KEYWORDS: Recreation. Technique. Heidegger. Episteme. Intervention.

Introdução

No Brasil, a recreação foi historicamente compreendida como atividade acessória, subordinada ao campo do lazer ou reduzida à execução instrumental de jogos e dinâmicas. Essa leitura produziu efeitos importantes, não apenas na formulação conceitual, mas também nas condições de trabalho dos profissionais, que passaram a ocupar posição marginal, com pouca legitimidade acadêmica e frágil reconhecimento institucional.

Durante décadas, consolidou-se a percepção de que a recreação se restringiria a um fazer técnico, destituído de reflexão própria, concebida como simples aplicação de conteúdos formulados externamente, sobretudo no âmbito das teorias do lazer. Esse enquadramento reforçou a hierarquia entre teoria e prática: enquanto a primeira se estabeleceu como lugar legítimo da produção de conhecimento, a segunda foi relegada à condição de mera execução.

Tal processo configura o que denominamos de *teoricídio*: a violência simbólica que desqualifica os saberes produzidos na experiência e silencia sua legitimidade epistêmica. Nesse horizonte, o recreador é visto como executor de métodos e técnicas, e não como sujeito produtor de conhecimento. Contudo, a análise atenta da intervenção recreativa mostra que ela ultrapassa a função de entreter ou ocupar o tempo livre. Em sua concretude, a recreação se revela como espaço de aprendizagens, de vínculos e de

interpretações sobre si e sobre o mundo, transformando tanto aquele que conduz quanto aqueles que participam. O saber que emerge dessa experiência não pode ser reduzido a empirismo menor.

É nesse ponto que a filosofia de Martin Heidegger oferece uma chave interpretativa decisiva. Para Heidegger (2002), a técnica não se limita ao instrumental a serviço de fins utilitários. Ela é, antes, um modo de desvelamento (*aletheia*), um gesto que traz à presença aquilo que estava oculto. Na tradição grega, distinguia-se entre *episteme*, o conhecimento sistemático e científico, e *techné*, associada ao fazer criativo e artístico. Ambos, porém, eram igualmente dignos, pois constituíam formas de verdade. Heidegger retoma essa distinção para denunciar a redução moderna da técnica ao plano da funcionalidade, esvaziando sua potência ontológica.

Aplicada à recreação, essa reflexão desloca sua compreensão. Se a técnica é desvelamento e *poiesis*, a intervenção do recreador não é mero exercício funcional: é linguagem do Ser. O recreador não apenas organiza atividades, mas abre mundos, cria sentidos e revela modos de existir. Sua intervenção é gesto ontológico, movimento de interpretação de si e do outro, forma de conhecimento em ato. O que está em jogo não é apenas a aplicação de técnicas de animação, mas a própria produção de verdade.

Compreender a recreação sob esse horizonte significa libertá-la da condição marginal que historicamente lhe foi atribuída. Longe de ser prática secundária dependente do lazer, deve ser reconhecida como campo de saber autônomo, capaz de produzir conhecimento a partir de sua própria lógica. Não se trata de substituir a *episteme* científica, mas de afirmar que a recreação constitui forma de conhecimento distinta em manifestação, porém equivalente em dignidade. O recreador, ao intervir, interpreta, cria e pensa em ato.

Diante desse horizonte, este artigo tem por objetivo demonstrar que a intervenção recreativa pode e deve ser compreendida como forma de conhecimento, à luz da concepção heideggeriana de técnica. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, de inspiração fenomenológico-hermenêutica, utilizando o Discurso do Sujeito Coletivo de Lefèvre e Lefèvre (2003) como ferramenta metodológica para interpretar narrativas de recreadores. O foco não está em mapear estatisticamente a categoria, mas em escutar a voz do Ser que se manifesta no fazer recreativo, reconhecendo aí uma experiência de desvelamento.

Nosso argumento é que, ao reconhecer a intervenção do recreador como forma de conhecimento, revisamos o conceito de recreação e qualificamos sua presença no campo da própria recreação e, por extensão, no do lazer. Mais do que entreter ou aplicar atividades, a recreação se mostra como gesto *poiético*, linguagem do Ser e produção autêntica de verdade. Essa leitura reposiciona a recreação no horizonte epistemológico, conferindo-lhe densidade teórica e legitimidade acadêmica, ao mesmo tempo em que valoriza a intervenção dos recreadores como fonte legítima de saber.

Técnica e *Techné*: Fundamento para a Produção de Conhecimento na Recreação

Na história da Educação Física, do lazer e da recreação no Brasil, observa-se que a recreação foi progressivamente deslocada para um lugar periférico. Enquanto o lazer conquistou espaço como objeto de reflexão acadêmica — em abordagens funcionalistas, críticas ou culturais —, a recreação permaneceu associada a prescrições metodológicas e manuais técnicos (Pimentel, Santos e Awad, 2020; Santos, 2001).

Esse descompasso gerou efeitos significativos. O lazer consolidou-se como categoria social e cultural, influenciando políticas públicas e processos formativos. Já a

recreação foi reduzida a aplicação prática, como se fosse um desdobramento menor do lazer, carente de densidade epistemológica. Nesse contexto, firmou-se a noção de que a recreação seria “campo secundário”, restrito à execução de atividades lúdicas, sem autonomia reflexiva.

Tal condição deriva de uma tradição que privilegia a teoria em detrimento da experiência, hierarquizando o conhecimento sistemático sobre o saber vivido. Esse movimento resulta no silenciamento dos sentidos produzidos na intervenção, processo que denominamos *teoricídio* — a desqualificação do saber que emerge da prática, ou seja, se sua intervenção no campo (Leão Junior, 2025). As consequências são visíveis na escassez de pesquisas conceituais sobre recreação, no tratamento secundário que recebe nos currículos de formação e na sua pouca presença nas políticas públicas.

Entretanto, a experiência concreta dos recreadores revela outra realidade. A intervenção não se limita à execução de técnicas, mas envolve leitura de contextos, criação de situações inéditas, interpretação de subjetividades e produção de sentidos. Nesse horizonte, a filosofia de Martin Heidegger oferece uma chave interpretativa fecunda ao recuperar a tradição grega que distinguia duas formas de saber: *episteme*, vinculada ao conhecimento sistemático e universal; e *techné*, relacionada ao fazer criativo e artístico. Diferentemente da visão moderna, que subordinou a *techné* à *episteme*, os gregos reconheciam ambas como equivalentes, pois compartilhavam o caráter de desvelamento da verdade. Heidegger (2002) retoma essa distinção para mostrar que a técnica não se reduz a meio para um fim, mas constitui forma originária de trazer à presença aquilo que estava velado.

À luz dessa concepção, a intervenção recreativa pode ser compreendida como *techné* em sentido originário. Conduzir atividades não é apenas aplicar métodos, mas

criar mundos possíveis, abrir espaços de encontro e instaurar experiências transformadoras. O recreador não apenas entretém: produz conhecimento em ato, um saber legítimo que se manifesta na experiência e transforma todos os envolvidos.

Assim, compreender a recreação como *techné* rompe com sua marginalização epistemológica. Longe de ser simples desdobramento do lazer, ela se afirma como campo autônomo de conhecimento, dotado de lógica própria e equivalente em dignidade à episteme científica. A recreação, quando assumida como *techné*, constitui gesto poiético e modo autêntico de produção de verdade.

Se a reflexão sobre técnica e *techné* já permite reconhecer a recreação como campo de produção de conhecimento, é preciso avançar para um nível mais profundo de análise. A dimensão epistemológica, embora necessária, não esgota a compreensão do fenômeno. Para além de sua lógica própria de saber, a recreação se constitui como experiência de existência, enraizada no modo de ser do recreador em relação ao mundo e aos outros. É nesse horizonte que os fundamentos ontológicos de Heidegger oferecem uma chave interpretativa decisiva, permitindo compreender a intervenção recreativa não apenas como *techné*, mas como gesto de desvelamento do Ser.

Fundamentos Ontológicos em Heidegger aplicados à Recreação

A compreensão ontológica do Ser Recreador demanda um retorno às bases da filosofia de Martin Heidegger, cuja obra inaugura um modo singular de pensar o ser-no-mundo. Em “*Ser e Tempo*” (2012), o filósofo descreve o *Dasein* — o ser que nós mesmos somos — como aquele que existe projetado em possibilidades, aberto à compreensão de si e do mundo por meio de sua historicidade e de suas relações com os outros. A existência não é estática ou predeterminada; ela é um constante vir-a-ser, em

que a autenticidade se manifesta quando o sujeito se apropria de sua condição existencial e decide por si mesmo como estar-no-mundo.

No contexto da recreação, isso significa afirmar que o recreador não *é* em essência, mas *está* recreador: sua identidade profissional não é substância fixa, mas modo de ser que se atualiza nas relações com os participantes, os espaços e os objetos de sua intervenção. Cada atividade conduzida não é mera aplicação de técnicas, mas um acontecimento existencial no qual se revelam tanto o recreador quanto aqueles que participam. A técnica, nesse sentido, deixa de ser entendida como instrumento e se configura como mediação ontológica: ponte entre mundos possíveis e modos de ser que se tornam visíveis na prática.

Heidegger, em “*A Questão da Técnica*” (2002), distingue entre uma técnica reduzida a meio para um fim e a técnica como *poiesis*, um “trazer-à-presença” que participa do movimento de desvelamento (*aletheia*). Essa distinção é decisiva para compreender a recreação. Cada jogo, brincadeira ou dinâmica pode ser vivido como gesto de revelação, no qual emergem sentidos inéditos, vínculos e interpretações da existência. Mas pode, igualmente, se reduzir a mera repetição alienada, quando a prática se converte em funcionalidade esvaziada.

A centralidade da *aletheia* desloca a compreensão de verdade como correspondência para a noção de verdade como desocultamento. Isso significa que a recreação não se limita a transmitir conteúdos externos ou aplicar protocolos. Ela é um espaço em que a verdade do Ser pode se manifestar — seja pela criação de laços, pela abertura à alteridade ou pela experiência estética do jogo. O recreador, portanto, assume papel decisivo: ao conduzir sua prática de forma criativa e aberta, possibilita que o Ser

venha à presença; ao contrário, quando se submete a pressões externas ou roteiros engessados, corre o risco de encobrir essa possibilidade.

Essa tensão entre autenticidade e inautenticidade, tão presente no pensamento heideggeriano, aparece de modo claro na prática recreativa. Em contextos de autenticidade, a técnica é *poiesis*: gesto criativo, linguagem do Ser, experiência transformadora. Em contextos de inautenticidade, a prática se converte em mera execução, desprovida de sentido, reduzida a tarefa instrumental. O mesmo jogo, portanto, pode ser espaço de revelação ou de alienação, dependendo do modo de Ser do Recriador e de sua abertura ao encontro com os outros.

Nesse horizonte, é possível afirmar que a recreação não apenas “usa” técnicas, mas é em si mesma uma forma de técnica originária, pois revela dimensões existenciais que estavam ocultas. Cada intervenção é ocasião para que o recriador e os participantes se compreendam em sua historicidade, projetem novas possibilidades e experimentem modos de ser-no-mundo. A técnica recreativa, compreendida assim, não é simples recurso metodológico, mas linguagem ontológica: morada do Ser, em que se manifesta a verdade da existência humana em sua dimensão lúdica e criativa.

Metodologia

A investigação insere-se no horizonte qualitativo e interpretativo, de inspiração fenomenológico-hermenêutica, pois buscou compreender os sentidos da prática recreativa a partir da experiência vivida dos sujeitos que a constituem. Diferentemente de abordagens estatísticas, que procuram mapear perfis ou quantificar categorias, a escolha metodológica orientou-se pelo desejo de interpretar o Ser em sua manifestação

concreta, assumindo que a recreação não se revela apenas como objeto externo, mas como modo de existência dos próprios recreadores.

A amostra foi composta por nove recreadores com mais de dez anos de atuação em diferentes contextos, selecionados de forma intencional. Todos foram ex-alunos e formados pela *Escola de Recreadores de Sucesso*⁵, cuja rede de formação possibilitou identificar profissionais com larga experiência acumulada. O contato inicial foi realizado por meio de grupos de *WhatsApp* vinculados à Escola de Recreadores de Sucesso, nos quais os sujeitos foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa. Após o aceite, cada participante recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que explicitava os objetivos, riscos e garantias éticas do estudo, incluindo o direito de desistir a qualquer momento sem prejuízos.

O instrumento de coleta de dados foi composto por 8 perguntas fechadas e 28 abertas, totalizando 36 questões, encontra-se integralmente transcrito no Apêndice E da tese⁶ de doutorado da qual este artigo deriva. Para este artigo, optou-se por trabalhar exclusivamente com a categoria 4 – Ontologia, por ser a que mais se relaciona com o objetivo de compreender a recreação à luz da filosofia de Heidegger, em sua dimensão de técnica originária e de produção de conhecimento. Das cinco perguntas que compõem a categoria Ontologia, quatro foram selecionadas, entre elas:

1. A partir da sua experiência com a recreação, como você se percebe como pessoa no mundo?
2. Para você, o que significa ser recreador(a)?

⁵ A *Escola de Recreadores de Sucesso* é uma proposta de educação não formal que busca contribuir para a consolidação de competências técnicas e práticas no campo da recreação, suprimindo parcialmente a lacuna identificada quanto à inexistência de uma formação específica e consolidada. Disponível em: <https://www.clubedosrecreadores.com.br/escoladerecreadores>

⁶ LEÃO JUNIOR, Cleber Mena. **Recreação: da Ontologia do Ser à Teoria da Prática**. 2025. 216f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2025.

3. Em quais momentos da sua prática com a recreação você sente que está sendo autêntico(a) e plenamente presente?
4. Você já se sentiu apenas “executando” a recreação de forma mecânica, sem conexão com o que estava fazendo?

A única questão da categoria não utilizada foi a “Quais fatores tornam mais difícil manter sua autenticidade durante o trabalho com recreação?”. A opção por não incluí-la deve-se ao fato de que a análise dessa pergunta conduziria a aspectos mais contextuais e práticos (condições de trabalho, equipe, ambiente, público), que, embora relevantes, extrapolam o escopo filosófico-ontológico delimitado para este artigo.

As entrevistas foram conduzidas de forma digital e assíncrona, via formulários enviados por *WhatsApp*, permitindo que os participantes elaborassem suas respostas com maior reflexão. As falas coletadas foram analisadas segundo os procedimentos do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre; Lefèvre, 2003), que consiste em identificar expressões-chave e ideias centrais, agrupando-as em discursos-síntese que representam o coletivo.

A análise seguiu três etapas: (1) identificação das expressões-chave, (2) extração das ideias centrais e (3) reconstrução dos discursos coletivos, articulados hermeneuticamente ao referencial heideggeriano. Esse movimento foi guiado pelo Círculo Hermenêutico (Heidegger, 1983), em que o intérprete vai e volta entre as falas singulares e o horizonte teórico, buscando compreender não apenas o que os sujeitos disseram, mas o que suas falas revelam do Ser do Recreador.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá (Parecer n.º 6.884.429 – CAAE: 77397624.9.0000.0104), e todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos, riscos e garantias éticas, com ênfase na liberdade de participação e no direito à desistência a

qualquer momento. Em todas as etapas foram rigorosamente observados os preceitos da Resolução CNS 510/2016, assegurando consentimento esclarecido, anonimato e autonomia dos sujeitos envolvidos.

Resultados e Discussão

Considerando que o objetivo deste artigo foi compreender a recreação como forma de conhecimento à luz da filosofia de Heidegger, optou-se por analisar apenas as respostas da categoria Ontologia. Os discursos dos recreadores, organizados pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo, evidenciam dimensões existenciais que dialogam diretamente com os conceitos de autenticidade, inautenticidade e *poiesis*, permitindo compreender a recreação para além de sua dimensão funcional, como linguagem originária do Ser.

1. A partir da sua Experiência com a Recreação, Como Você se Percebe como Pessoa no Mundo?

Expressões-Chave (E-Ch):

“A recreação me ensina a enxergar o mundo com mais leveza, empatia e criatividade”
“Me torno mais atenta às necessidades e emoções dos outros”
“Buscando sempre criar conexões verdadeiras e espontâneas”
“A recreação moldou tudo o que eu sou”
“Me fez uma pessoa menos egoísta, pronta para diversos tipos de situações”
“Me fez ganhar gosto pelo estudo e desenvolvimento pessoal”
“Sou uma pessoa leve, de fácil convívio com crianças e adultos”
“Levo alegria e energia por onde passo”
“A recreação me fez perceber como sou uma grande pessoa”
“Respeitando todas as crenças, costumes e modo de ser”
“O recreador nato supera dificuldades com mais tranquilidade”
“Me faz feliz”
“Levo diversão pra todo lado”

Ideias Centrais (ICs):

- A recreação molda a identidade pessoal e o modo de ser-no-mundo.
- A prática promove leveza, empatia e sensibilidade nas relações humanas.
- A atuação com recreação inspira autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.
- Ser recreador é assumir um papel de alegria e conexão social.
- A recreação potencializa a capacidade de adaptação e escuta ativa.
- Conduz a uma postura ética de respeito à diversidade e ao outro.

Tabela 1: Frequência das Ideias Centrais (n=9):

Ideia Central	Frequência	(%)
A recreação molda a identidade pessoal	3	33,3%
Leveza, empatia e sensibilidade como forma de estar no mundo	3	33,3%
Recreador como agente de alegria e conexão social	3	33,3%
Inspiração para o desenvolvimento pessoal e estudo contínuo	2	22,2%
Escuta, adaptação e convivência respeitosa com o outro	2	22,2%
Respeito à diversidade de crenças e modos de ser	1	11,1%

Fonte: Leão Junior (2025).

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC):

A partir da minha experiência com a recreação, me percebo como alguém que leva leveza, energia e alegria por onde passa. Ela moldou muito do que eu sou — me fez uma pessoa mais empática, mais aberta às diferenças, pronta para ouvir, respeitar, adaptar. Ao conviver com tantos públicos, fui aprendendo a ser flexível, a criar conexões verdadeiras, e isso se reflete também na minha vida fora do trabalho. A recreação me despertou o gosto pelo estudo, pelo desenvolvimento pessoal. Me tornou alguém menos egoísta e mais interessado no outro. Hoje, sei que meu papel no mundo vai além de animar — é cuidar, criar vínculos e celebrar a convivência com presença e verdade. Ela me lembra diariamente da importância de viver o agora e de espalhar o que há de melhor em mim.

Os relatos dos recreadores revelam que a recreação não ocupa apenas um espaço profissional ou funcional em suas vidas — ela é percebida como eixo de sentido existencial, como aquilo que sustenta, motiva e estrutura sua forma de estar no mundo. Atuar com recreação é mais do que uma escolha de carreira: é uma maneira de existir com presença, afetividade e potência. A prática permite que os sujeitos se reconheçam não apenas como quem transforma o outro, mas como quem também se transforma no

encontro, no brincar, na escuta e na entrega. O Ser do Recreador, assim, não é periférico ou secundário: ele emerge como centro ativo de afetar e ser afetado pelo mundo.

Heidegger (2012) afirma que o ser humano não é apenas um ente entre outros: ele é o ente que compreende e se compreende, que projeta sentidos, que se interroga e que se constitui em sua relação com o mundo. Quando os recreadores dizem que a prática os transforma, estão descrevendo o que poderíamos chamar de uma ontologia prática: uma forma de compreender-se a si mesmo a partir do agir técnico vivido com intensidade e consciência. Nesse contexto, a técnica deixa de ser instrumento para se tornar linguagem do Ser — uma forma pela qual o recreador diz ao mundo quem é, o que valoriza, como cuida e por que está presente.

A recreação, portanto, não é apenas atuação funcional, mas revelação ontológica. Ela é espaço de manifestação do Ser, potência para o sujeito se compreender em relação e em movimento. Cada jogo, cada dinâmica, cada interação carrega consigo mais do que uma intenção lúdica: carrega um gesto de presença existencial, um sinal de que o recreador está no mundo de forma implicada, aberta, criadora. E é por isso que a técnica, ainda que tradicional, ainda que transmitida por modelos prévios, já aparece aqui atravessada por sentido — ela é vivida com verdade(s).

2. Para você, o que significa Ser Recreador(a)?

Expressões-Chave (E-Ch):

- “Ser uma facilitadora de experiências que promovem alegria, aprendizado e conexão”
- “É criar momentos que proporcionem bem-estar e transformação”
- “Ser criativa, flexível e sensível às necessidades dos outros”
- “Levar um brincar qualificado e agregar na vida das crianças”
- “Fazer com que o outro esteja feliz, por um instante ou eternamente”
- “Ser a tia das brincadeiras, reconhecida em todo lugar”
- “Responsável na construção do futuro de uma criança”
- “Realizador de sonhos, criador de memórias, amigo e confidente”

“Embaixador da alegria e do bem-estar”

“Mediador de momentos bons, estímulo à criatividade e aos vínculos afetivos”

“Transformar momentos difíceis em algo mágico”

Ideias Centrais (ICs):

- Ser recreador é criar experiências de alegria, bem-estar e transformação.
- É ser sensível, criativo, flexível e atento às necessidades humanas.
- É ser mediador afetivo e social, promovendo vínculos e inclusão.
- É assumir responsabilidade no desenvolvimento infantil e emocional.
- É carregar uma identidade pública afetiva (“tia”, “tio”, figura simbólica).
- É transformar o ordinário em extraordinário — ser mágico no cotidiano.

Tabela 2: Frequência das Ideias Centrais (n=9):

Ideia Central	Frequência	(%)
Criar experiências de alegria e transformação	4	44,4%
Sensibilidade, criatividade e escuta às necessidades humanas	3	33,3%
Ser mediador afetivo e promotor de vínculos	3	33,3%
Responsabilidade no desenvolvimento infantil e emocional	2	22,2%
Identidade simbólica afetiva (“tia”, “tio”, figura do cuidado)	2	22,2%
Transformação do cotidiano em algo mágico	2	22,2%

Fonte: Leão Junior (2025).

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC):

Ser recreador, para mim, é ser alguém que cria experiências de alegria, de transformação e de bem-estar. É estar presente de forma genuína, sensível e flexível, percebendo o que o outro precisa e oferecendo algo que vá além da brincadeira. É também ser memória, ser afeto, ser o adulto legal que as crianças lembram com carinho. Ser recreador é levar leveza e diversão mesmo em tempos difíceis, é ser reconhecido como o tio ou a tia das brincadeiras, é ser aquele que consegue transformar um momento simples em algo mágico. A gente não só conduz atividades, a gente toca vidas. A recreação é uma forma de cuidar, ensinar, libertar e emocionar — tudo ao mesmo tempo.

Os discursos analisados revelam que, para os recreadores, ser recreador não é apenas realizar atividades ou animar eventos — é um modo de ser, uma forma de viver com propósito, sensibilidade e verdade. Os participantes associam essa identidade a palavras como missão, cuidado, criatividade, leveza, serviço e transformação. Não há

separação entre técnica e vocação, entre fazer e ser: o recreador é aquele que conduz com o coração, que serve com autenticidade, que leva alegria como expressão de seu compromisso com o outro e consigo mesmo.

Essa visão da recreação como identidade vivida transcende a ideia de profissão ou tarefa. Ela revela que o recreador se compreende como alguém cujo modo de estar no mundo é marcado por entrega, escuta, presença e ética. Ser Recreador, segundo os sujeitos, é habitar um espaço onde técnica e ética se entrelaçam, onde o fazer é atravessado pelo cuidado, e onde o brincar não é apenas ferramenta, mas linguagem de vínculo e verdade.

Heidegger (2012) oferece uma chave precisa para compreender essa experiência: ele chama de *ser próprio* a atitude daquele que age a partir de sua essência, sem se deixar capturar pelas exigências do impessoal. O recreador, ao manter sua prática conectada com o cuidado, com o sentido e com a alegria de servir, não se perde na função técnica — ao contrário, ele se revela como ser singular. A recreação torna-se, assim, espaço de manifestação autêntica do Dasein, um campo onde o ser pode se expressar de forma plena, leve e comprometida.

3. Em Quais Momentos da sua Prática com Recreação Você Sente que está Sendo Autêntico(a) e Plenamente Presente?

Expressões-Chave (E-Ch):

“Quando estou conduzindo contação de histórias, oficinas criativas e brincadeiras coletivas”

“Quando posso adaptar as atividades ao interesse das pessoas”

“Em contextos informais com crianças, sem pressa”

“Sempre sou autêntico, de corpo e alma”

“O trabalho voluntário me mostra minha melhor versão”

“Quando as crianças tomam conta do espaço e se envolvem com vontade”

“Atividades relacionadas à cultura e ao folclore local”

“Quando participo das atividades, não apenas conduzo”

“Me sinto autêntico ao trabalhar com crianças”

Ideias Centrais (ICs):

- Momentos de interação espontânea, livre e adaptada ao grupo.
- Atuação com crianças como espaço de autenticidade.
- Práticas voluntárias revelam o lado mais verdadeiro do recreador.
- Participar junto, e não apenas conduzir, favorece a presença plena.
- Experiências culturais e afetivas intensificam a autenticidade.
- Estar de corpo e alma é critério pessoal de autenticidade.

Tabela 3: Frequência das Ideias Centrais (n=9):

Ideia Central	Frequência	(%)
Atuação com crianças favorece autenticidade	3	33,3%
Interação espontânea e adaptada ao grupo	2	22,2%
Participar junto das atividades reforça a presença	2	22,2%
Cultura, afetividade e envolvimento como gatilhos de autenticidade	2	22,2%
Práticas voluntárias revelam o ser recreador	1	11,1%
Estar de corpo e alma como definição pessoal de ser autêntico	1	11,1%

Fonte: Leão Junior (2025).

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC):

Me sinto autêntico e plenamente presente na recreação quando estou com as crianças, especialmente em contextos mais informais, onde posso ser espontâneo, ouvir, adaptar e deixar fluir. Sinto que estou inteiro quando as crianças tomam conta do espaço com alegria, e eu consigo participar junto, não apenas conduzir, mas viver aquilo com elas. Em oficinas criativas, contações de história, momentos culturais ou em ações voluntárias, tudo parece fazer mais sentido — e o que recebo de volta é tão verdadeiro que me mostra que sou uma boa pessoa. A autenticidade aparece quando posso ser eu mesmo, sem pressa, com liberdade, com vontade. Quando estou de corpo e alma, tudo flui.

Os relatos dos recreadores revelam experiências marcadas por intensa presença e verdade, vividas especialmente em momentos de conexão afetiva com as crianças, improvisos criativos, escuta ativa e trocas espontâneas. Nessas ocasiões, a prática transcende o plano da tarefa. O tempo parece suspenso, o corpo se move com leveza, a

fala surge com naturalidade, e o recreador experimenta a rara sensação de estar inteiro — não dividido entre função e ser, mas inteiramente presente no agora.

Heidegger (2012) nos ajuda a compreender a profundidade desses instantes ao afirmar que o *Dasein*, quando se liberta da queda na cotidianidade, pode tocar a verdade do ser. Esses momentos, embora simples e não formalizados, são preciosos porque a técnica, nesse contexto, deixa de ser visível como procedimento mecânico e se torna transparente como manifestação do ser. O recreador, ao improvisar com o olhar atento da criança, ao rir de um gesto espontâneo ou ao acolher uma fala inesperada, não está apenas aplicando técnicas — está habitando seu próprio modo de ser-no-mundo.

Essa dissolução da técnica em favor do encontro revela uma forma sutil, porém poderosa, de autenticidade. Não há cálculo, não há planejamento prévio: há escuta, afeto e presença. O recreador, nesse momento, não realiza — ele revela. É a própria experiência de ser que se expressa no gesto lúdico, no improviso generoso, na escuta silenciosa.

4. Você já se Sentiu apenas "Executando" a Recreação de Forma Mecânica, sem Conexão com o que Estava Fazendo?

Expressões-Chave (E-Ch):

- “Já me senti executando de forma mecânica em contextos padronizados”
- “Quando a empresa foca mais em metas do que na experiência”
- “Sinto frustração interna e desconexão”
- “Sim, no resort, não era feliz”
- “Já sim, no início, sem experiência... era frustrante”
- “Quando temos que fazer a atividade mesmo que as crianças não estejam engajadas”
- “Respondi na página anterior”
- “Jamais. Sempre me preparo para os eventos”
- “Não”

Ideias Centrais (ICs):

- Sim, já se sentiram executando de forma mecânica e distante do propósito.
- Contextos comerciais, padronizados ou desumanizados geram desconexão.
- No início da carreira, a falta de experiência gera automatismo e frustração.
- Fazer atividades sem engajamento do grupo contribui para o esvaziamento da prática.
- Alguns afirmam que nunca sentiram isso, pois se preparam para manter a conexão.

Tabela 4: Frequência das Ideias Centrais (n=9):

Ideia Central	Frequência	(%)
Já vivenciaram momentos mecânicos e sem conexão	3	33,3%
Contextos comerciais ou padronizados geram afastamento	2	22,2%
Início da carreira e inexperiência como causa da mecanização	2	22,2%
Atuação autêntica envolve brincar junto e se divertir	2	22,2%
Desmotivação ao conduzir atividades sem engajamento	1	11,1%
Não vivenciaram essa sensação (ou negam a desconexão)	3	33,3%

Fonte: Leão Junior (2025).

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC):

Sim, já me senti apenas “executando” a recreação, como se eu estivesse ali só cumprindo uma função, sem conexão verdadeira com o que estava fazendo. Isso costuma acontecer quando estou em empresas ou ambientes que padronizam tudo, que focam mais em metas e horários do que na experiência das pessoas. É como se eu não tivesse espaço para ser eu mesmo. Também passei por isso no começo da carreira, quando ainda não tinha experiência — era tudo mais difícil e frustrante. Em alguns momentos, precisei conduzir atividades mesmo quando o grupo não estava engajado, e isso me fez sentir vazio. Apesar disso, hoje tento sempre me preparar emocionalmente para os eventos e criar estratégias para evitar essa desconexão. Quando estou presente de verdade, tudo flui melhor.

O sentimento de desconexão relatado por diversos recreadores emerge, sobretudo, em contextos marcados pela rotina exaustiva, pela repetição sistemática das atividades e pelo bloqueio criativo. Nesses momentos, o fazer técnico já não nasce do encontro, mas da obrigação; não flui da escuta, mas da agenda. A prática, que um dia foi vivência, torna-se execução automatizada, e o recreador sente-se reduzido à condição de engrenagem: funcional, operante, porém ausente de si.

Esse relato manifesta com contundência a crítica heideggeriana à técnica moderna, compreendida como enquadramento – uma estrutura que transforma o mundo em recurso e o ser humano em operador. Quando a técnica se autonomiza e se impõe como forma dominante de relação com o real, o ser se ausenta. O recreador, nesse cenário, não habita mais o mundo com inteireza, mas ocupa uma função. Torna-se, como diria Heidegger (2012), um ente entre outros entes, alheio à sua possibilidade mais autêntica de ser.

A dor desse processo não é apenas física ou emocional — é ontológica. O que se perde não é apenas o prazer do trabalho, mas o sentido de ser-no-mundo por meio da recreação. A fragmentação do sujeito se expressa em falas que denunciam cansaço, desânimo e esvaziamento do propósito. O brincar, antes fonte de vitalidade, torna-se protocolo. A escuta, antes vínculo, vira checklist. O gesto, antes expressão, é agora instrução.

Contudo, é justamente o reconhecimento dessa alienação que inaugura a possibilidade de um novo desvelamento. A consciência do esvaziamento pode ser o primeiro passo para a retomada do ser. Heidegger sugere que mesmo na queda, o *Dasein* ainda guarda em si a potência do reerguimento. O recreador que sofre com a perda de sentido ainda é aquele que se importa – e por isso, pode reencontrar-se.

Sem equívoco, também poderíamos remeter essa questão ao pensamento marxista, visto que este também trata da ontologia, ao situar como o Homem transforma a si mesmo ao transformar a natureza por meio do trabalho. Contudo, no sistema capitalista, a classe que vive do trabalho é uma classe em si mas não para si porque é expropriada pela mais-valia. Nisso, com a divisão do trabalho, a dimensão criativa não

precisa ser exercida por todos, o que gera um estranhamento no trabalho. O trabalhador não se vê na totalidade (Oliveira, Custódio, Hungaro, 2020).

A análise dos quatro discursos da categoria Ontologia evidencia que a recreação, na perspectiva dos recreadores, transcende o caráter funcional ou instrumental e se revela como experiência existencial. Ao narrarem como se percebem no mundo, o que significa ser recreador, os momentos de autenticidade e as situações de mera execução, os sujeitos deixam transparecer a tensão constitutiva entre autenticidade e inautenticidade, tão cara ao pensamento de Heidegger. A recreação emerge, assim, como linguagem ontológica: um espaço em que o Ser se manifesta, seja no cuidado, na escuta e na presença plena, seja no risco do esvaziamento e da mecanização. Os discursos revelam que a prática não apenas produz conhecimento em ato (*techné*), mas também constitui lugar de desvelamento do ser, reafirmando que a recreação é mais que atividade lúdica — é forma originária de compreender e habitar o mundo.

Conclusão

A análise dos discursos da categoria Ontologia permitiu compreender que a recreação, na perspectiva dos recreadores, ultrapassa a visão funcional e se apresenta como experiência existencial e forma de conhecimento. Os quatro discursos analisados — percepção de si no mundo, significado de ser recreador, experiências de autenticidade e vivências de execução mecânica — evidenciaram que a prática não se reduz a mero entretenimento, mas constitui gesto de desvelamento do Ser, um modo de estar-no-mundo em que técnica e existência se entrelaçam.

Nesse horizonte, a recreação revelou-se como *poiesis*: criação de sentidos, espaço de autoconhecimento e de encontro autêntico com os outros. Os momentos de

presença plena confirmaram a possibilidade da técnica enquanto linguagem do Ser, ao passo que as situações de mecanização expuseram o risco de queda na inautenticidade e no enquadramento moderno. Tal tensão confirma a pertinência do aporte heideggeriano para interpretar a prática recreativa como campo em disputa entre alienação e revelação.

Ao mesmo tempo, os resultados reforçam que a recreação não pode ser tratada como subárea dependente do lazer ou como simples aplicação instrumental. Ela emerge como campo de produção de conhecimento legítimo, dotado de lógica própria e equivalente em dignidade à episteme científica. Essa constatação contribui para superar o teorícidio que historicamente desqualificou a recreação, abrindo espaço para seu reconhecimento acadêmico, político e profissional.

Conclui-se, portanto, que a recreação deve ser compreendida não apenas como atividade prática, mas como dimensão ontológica e epistemológica da existência humana. Ao revelar o Ser do Recreador em sua historicidade e autenticidade, a técnica recreativa mostra-se como forma originária de verdade e de produção de saber. O desafio que se coloca para a área é consolidar essa compreensão no campo científico e na formação profissional, de modo que a recreação seja reconhecida e valorizada em sua potência de conhecimento, criação e transformação social.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvam Fogel e Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. Coleção Os Pensadores. Trad. Ernildo Stein. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução: CASTILHO, F. Campinas, SP: Editora Unicamp. RJ: Vozes, 2012.

LEÃO JUNIOR, C. M.; ANDRADE, A. M. B.; SILVEIRA, R. T.; VALE, R. S.; PIMENTEL, G. G. A. A porta de entrada na recreação brasileira. In: SILVA, M. R.; FIGUERÔA, K. M.; HILGEMBERG, L. P. B.; MACHADO, D. P. (Orgs.). **Anais... ENCONTRO NACIONAL DE LINGUAGENS CULTURAIS E CORPORAIS**, 3, ENCONTRO DO LAZER DO PARANÁ. TURISMO, ESPORTE E CULTURA: Gestão das Experiências do Lazer, 13. Curitiba: Escolha Certa Editora, 2024. p. 123-130. (Livro de Resumos).

LEÃO JUNIOR, Cleber Mena. **Recreação: da Ontologia do Ser à Teoria da Prática**. 2025. 216f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2025.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa; desdobramentos**. Porto Alegre: EDUCS, 2003.

OLIVEIRA, B. A. de; CUSTODIO, M. L; HUNGARO, E. M. Disputas em torno do tempo e da vida (ou morte) do trabalhador brasileiro: contribuições para uma análise crítica das relações entre lazer, trabalho e pandemia. **Licere**, p. 216-250, 2020.

PIMENTEL, G. G. A.; SANTOS, S.; AWAD, H. Z. A. Recreação na encruzilhada entre teoria (do lazer) e intervenção (na Educação Física). In: MARTINS, R. L. D. R. (Org.). **Desafios contemporâneos para a Educação Física brasileira**. Curitiba: CRV, 2020. p. 182–205.

SANTOS, E. S. O ensino de recreação: repensando algumas práticas. **Revista Movimento**, v. 7, n. 15, p. 89-106, 2001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2625/1254>>. Acesso em: 20 abr. 2025.

Endereço dos Autores:

Cleber Mena Leão Junior
Endereço eletrônico: clubedosrecreadores@gmail.com

Giuliano Gomes de Assis Pimentel
Endereço eletrônico: ggapimentel@uem.br